Se este livro servisse para trazer ao leitor uma visão aprofundada de histórias como a de José e de Rute, tão vulgarmente abordadas pela superfície, já serviria o seu propósito. Contudo, histórias conhecidas como essas, quando bem abordadas como nesta obra, trazem novas perspectivas sobre assuntos que temos dificuldade em conciliar: trabalho e descanso. O autor traz todos esses conceitos à luz do Deus que os criou, e não é possível terminar este livro sem um desejo de viver mais à luz de uma obediência para a qual o Criador nos fez.

Ana Rute Cavaco

Esposa de Tiago, mãe de Maria, Marta, Joaquim e Caleb

*Trabalho, propósito e descanso* preenche uma lacuna importante na literatura cristã brasileira. Bernardo aproxima-se do texto bíblico com integridade e humildade, reconhecendo tanto as limitações quanto o potencial do trabalho humano de contribuir com a plenitude de vida estabelecida por Deus. Ao explorar os papéis da esperança, do descanso e do chamado de Jesus em nossa vida, Bernardo amplia nosso entendimento sobre trabalho e nos protege de uma interpretação triunfalista e egocêntrica das Escrituras. Leitura fundamental para quem deseja enxergar sua labuta diária à luz da mensagem de salvação que encontramos nas páginas da Bíblia.

Gustavo H. R. Santos

Gerente de projetos em A Rocha International, doutorando na Faculdade de Religião e Teologia da Vrije Universiteit Amsterdam e pesquisador afiliado na Vancouver School of Theology

A temática desta obra tem permeado conversas ao redor da mesa entre amigos, aconselhamentos pastorais e atendimentos psicológicos. A busca de significado, os dilemas éticos,

os conflitos relacionais, os adoecimentos emocionais e espirituais, o cuidado com o tempo e a saúde, e assim por diante. A maior parte de nossa vida é dedicada ao trabalho em todas as suas formas, remuneradas ou não. Neste livro, meu amigo Bernardo Cho resgata de maneira profunda o foco sobre o tema a partir de nossa identidade como cristãos, para que dediquemos o trabalho cotidiano ao cumprimento de nossa parte neste "exercício de esperança", na narrativa redentora de Deus em instaurar o *shalom* ao longo da história. Recomendo a leitura com alegria, para que em meio a tantos estímulos e desafios Deus preserve nosso coração e faça frutificar as sementes de nosso labor.

KAREN BOMILCAR
Psicóloga clínica hospitalar em saúde pública

O amor de Deus nos é revelado em termos bem concretos. Deus é o Criador do mundo material e bom. A salvação veio através do Filho de Deus encarnado, feito homem, que viveu entre nós e morreu por nós. A ressurreição é no corpo. A fé cristã é vivida no mundo material, onde as ações de Deus acontecem. O amor cristão pela humanidade requer de nós elevar o trabalho para além da esfera econômica e política e considerá-lo expressão da bênção de Deus (*shalom*) para as famílias da terra. Para a maioria dos cristãos, vocação ou chamado diz respeito a algum trabalho religioso, remunerado ou não. Neste livro, Bernardo Cho resgata a bênção daquilo que muitos consideram uma maldição: o trabalho. Nossa vocação é continuar abençoando as famílias da terra com nosso trabalho.

RICARDO BARBOSA
Pastor da Igreja Presbiteriana do Planalto e diretor do
Centro Cristão de Estudos e do Projeto Vocatio

Bernardo Cho nos traz uma brilhante reflexão sobre trabalho e propósito de vida. Embasado em uma boa teologia que observa a integralidade da missão de Deus, que não vê apenas a salvação das almas, mas também o *shalom* de Deus na criação, o autor nos ajuda a compreender quem somos e por que fomos criados. Assim, ele desenvolve uma teologia para a vida, num livro indicado tanto para os descontentes com seu trabalho ou com seu ambiente de trabalho como para os que estão à procura de sentido para a vida.

Roberto Takasu
Empresário do setor imobiliário

Bernardo Cho é muito habilidoso com as palavras. Resume conceitos e ideias de forma simples e profunda, tanto em suas aulas como professor quanto em seus livros como autor. Aqui, ele nos convida a uma importantíssima reflexão sobre nosso papel no enredo bíblico da salvação, em que somos chamados a promover paz, segurança e bem-estar na criação através de nosso trabalho. Não só é assunto recorrente nos gabinetes pastorais, mas também é uma mensagem que deve ecoar em nossos púlpitos, ajudando-nos a lapidar a cosmovisão dos discípulos de Jesus que estão sob nossos cuidados.

Zé Bruno
Músico, vocalista da Banda Resgate e
pastor da Igreja Casa da Rocha, em São Paulo

# Trabalho, propósito e descanso

*A visão bíblica de* shalom *e o chamado do cristão hoje*

BERNARDO CHO

MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2022 por Bernardo Cho

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

*CIP-Brasil. Catalogação na publicação*
*Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

C473e

Cho, Bernardo
Trabalho, propósito e descanso : a visão bíblica de shalom e o chamado do cristão hoje / Bernardo Cho. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2022.
176 p.

ISBN 978-65-5988-163-5

1. Espiritualidade. 2. Cristianismo. 3. Vida cristã. I. Título.

22-79922 CDD: 248.4
CDU: 27-584

*Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643*

*Categoria:* Espiritualidade
1ª edição: novembro de 2022

*Edição*
Daniel Faria

*Revisão*
Natália Custódio

*Produção*
Felipe Marques

*Diagramação*
Marina Timm

*Colaboração*
Ana Luiza Ferreira

*Capa*
Jonatas Belan

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Para meus pais, Michael e Regina,
por sua diligência na construção de *shalom*.

# Sumário

*Agradecimentos* 11
*Introdução: Socorro! Alguém viu o sentido do meu trabalho?* 13

1. No princípio, houve trabalho e *shalom* 19
2. Trabalho, *shalom* e esperança à luz do enredo da salvação 33
3. Trabalho, *shalom* e esperança no livro de Rute 53
4. A participação de Rute e Boaz no enredo da salvação 67
5. Trabalho, *shalom* e esperança na história de José 81
6. A participação de José e seus familiares no enredo da salvação 105
7. Mas, no princípio, houve também descanso e *shalom* 133
8. A esperança do descanso escatológico 147

*Conclusão: Discernindo nosso chamado* 163
*Sobre o autor* 171

# Agradecimentos

A matéria-prima deste livro foi extraída de algumas séries de sermões pregadas na igreja onde sirvo como pastor e de um curso sobre a teologia bíblica do trabalho, que tive o privilégio de lecionar no Projeto Vocatio no primeiro semestre de 2022. Expresso minha sincera gratidão a todos os participantes dessas ocasiões e, em particular, aos amigos Ricardo Barbosa e André Pereira, não somente pelas interações enriquecedoras após as palestras, mas sobretudo por sua dedicação a uma consciência cristã que integra fé e trabalho de modo responsável.

Agradeço também a equipe da Mundo Cristão — Daniel Faria, Silvia Justino, Renato Fleischner, Mark Carpenter e demais envolvidos na finalização deste volume — por mais esta generosa oportunidade de contribuir na produção de literatura cristã. Não fosse o excelente trabalho editorial do Daniel, que pôs ordem — leia-se *shalom* — no caos de meus rascunhos originais, este livro não teria sido finalizado no tempo desejado.

## INTRODUÇÃO

# Socorro! Alguém viu o sentido do meu trabalho?

"Pastor, estou em crise… Não vejo mais sentido em meu trabalho."

Acredite se quiser, mas a maioria dos dilemas que tenho atendido em minha caminhada pastoral mais recente não diz respeito a problemas explicitamente morais. A quantidade de pessoas que me procuram para conversar sobre seus vícios, por exemplo, tem sido expressivamente inferior ao número de cristãos que requerem minha ajuda na busca de sentido para seu trabalho.

Não haveria surpresa alguma, se esse grupo só pertencesse à fatia mais jovem da sociedade. Sabemos que a possibilidade de errar na escolha de uma carreira e os riscos de se privar do sucesso profissional assombram qualquer recém-chegado à vida adulta. Mas esse não tem sido o caso: é cada vez mais frequente deparar com pessoas que, embora há muito tenham passado pela adolescência, ainda padecem de um desnorteamento profundo quanto ao que devem fazer da vida. A impressão que dá é que crise vocacional tem cada vez mais desembocado em crise existencial, inclusive entre os mais experientes.

Em grande medida, esse fenômeno está intimamente atrelado ao mundo em que vivemos. Até pouco tempo atrás, a escolha da profissão era resolvida de modo consideravelmente mais simples: com raras exceções, o lugar de cada pessoa na sociedade era determinado pela "classe" a que ela pertencia,

de modo que a ocupação das pessoas era herdada de seus antepassados. O próprio Jesus, por exemplo, não precisou quebrar a cabeça para ser carpinteiro, já que bastava continuar o trabalho que havia sido desempenhado por José — e, provavelmente, pelo pai de José antes dele. A partir da Revolução Industrial, porém, temos testemunhado uma explosão de possibilidades não somente em termos de profissão, mas também em termos de mobilidade. E, com a expansão exponencial dos centros urbanos no período mais recente da história, essa variedade de possibilidades deixou de ser a exceção para se tornar a regra.

Como resultado, se as gerações passadas muitas vezes enfrentavam dificuldades relacionadas à falta de alternativas de ocupação, um dos desafios que enfrentamos hoje é a infinidade de opções disponíveis no mercado. Existem tantos caminhos possíveis que por vezes nos sentimos paralisados. Ou nos vemos inquietos, constantemente insatisfeitos com o que fazemos, "pulando" de emprego em emprego, torcendo para que a felicidade esteja nos aguardando na próxima profissão que viermos a exercer. Na semana em que eu revisava o manuscrito deste livro, conversei com duas pessoas precisamente sobre essa questão: o pai de uma moça de 19 anos, que sofria por ainda não saber para o que prestar no vestibular, e um homem na casa dos 40 anos, que já havia se aventurado em inúmeras atividades, mas que dizia não ter encontrado ainda seu verdadeiro lugar.

E o agravante é que, nos últimos anos, com o domínio das mídias sociais, muitos têm acreditado na fantasia de que a meta mais valiosa de qualquer carreira é adquirir visibilidade — ou, para usar um termo mais politicamente correto entre os evangélicos, "relevância". E isso tem surtido efeitos

não muito desejáveis inclusive na compreensão das pessoas sobre seu chamado pessoal. Em uma cultura na qual sucesso é medido pela quantidade de "seguidores", a ideia de que cada um possui um chamado pessoal tem sido usada (e abusada) como pretexto para uma busca desenfreada por protagonismo individual. Desse modo, ter "convicção de chamado" não raro é confundido com ter um objetivo profissional — ou ministerial — ambicioso e buscar alcançar esse objetivo, custe o que custar. Se tal objetivo tem suas raízes em aspirações egoístas e idólatras, tanto faz: ser percebido como alguém bem-sucedido, no final, cobre uma multidão de pecados.

De um lado, então, encontramos pessoas convictas de seu protagonismo, mas que também ostentam um ego bastante avantajado — narcisistas que se acham a "bola da vez", sem profundidade ética, incapazes de enxergar qualquer coisa além de sua própria importância — e, por isso, pouco contribuem de fato para o bem comum. De outro lado, há uma multidão que não entende ao certo por que trabalha tanto de segunda a sexta-feira, sofre de certo complexo de vira-lata por não estar em evidência e, assim, pensa estar distante dos propósitos de Deus. Em ambos os casos, a premissa é a mesma: trabalhar só faz sentido quando traz um retorno que os outros possam invejar. Ademais, se adicionarmos a essa mistura os resquícios do dualismo "sacro *versus* mundano" de épocas não muito remotas, em que a "obra de Deus" se reduzia a tarefas religiosas, temos a combinação perfeita para alienar nosso trabalho de qualquer senso de propósito.

Não deveria nos espantar que, nesse cenário, os maiores ajuntamentos evangélicos girem em torno da autodescoberta, em que o chamado cristão é tratado como uma espécie

de "segredo oculto" a ser encontrado e potencializado por meio da autoafirmação. Prega-se que a razão de nossa existência e a base de nossa felicidade é desvendar, por meio de uma epifania à la *Kung Fu Panda*, o destino profissional — ou ministerial — a que fomos separados, como se nosso chamado pessoal fosse um baú escondido lá dentro de nós, pronto para ser desenterrado. E os resultados têm sido desastrosos: enquanto alguns passaram a acreditar que são verdadeiros super-heróis, sem os quais Deus não viveria, um outro sem-número de "meros mortais" vivem obcecados por encontrar o *ticket* premiado da "liberação de seu destino".

O presente volume propõe um retorno às Escrituras para lidarmos com esses desafios. Nitidamente, a raiz do problema que tem acometido o senso de vocação de muitos cristãos hoje está na visão limitada que temos adotado sobre o trabalho e, por implicação, sobre os propósitos que Deus deseja cumprir por meio de nossos afazeres diários. Quando não relegado à categoria de "mal necessário", o trabalho tem sido reduzido a mero instrumento para a promoção dos interesses individuais daquele que o exerce. E, em um contexto como esse, é natural que muitos percam de vista o real sentido do que fazem — sobretudo das atividades menos "extraordinárias" do cotidiano — e se vejam desiludidos quanto à contribuição que podem fazer a um propósito maior. Segundo a história relatada de Gênesis a Apocalipse, todavia, trabalhar tem pouquíssimo a ver com um "mal necessário" e transcende em muito qualquer realização individual.

O peso deste livro está em demonstrar que trabalhar, à luz do enredo bíblico da salvação, diz respeito à participação da humanidade no desejo de Deus de estabelecer seu *shalom* — paz, segurança, plenitude de vida — no mundo. Sim,

este é mais um livro sobre fé e trabalho, mas, de uma forma mais marcante, apresenta esse tema dentro da trajetória dos atos redentivos de Deus, de modo a destacar não somente a importância do trabalho por uma perspectiva cristã (o que já foi demonstrado por outros autores nas últimas décadas),[1] como também o caráter escatológico que faz do trabalho o espaço onde o reino de Deus se manifesta até a consumação da nova criação. Consequentemente, é de igual significância para meu argumento que trabalhar — participar com Deus na produção de *shalom* — é também um exercício de esperança. Em última instância, portanto, o que dá sentido a nosso trabalho não é aquilo que chamamos de sucesso, tampouco a concretização de nossas aspirações individuais, muito embora seja positivo e desejável ter êxito de forma lícita em qualquer atividade com a qual nos engajamos. O que enche nossos afazeres de significado é o fato de que Deus nos chamou para a manutenção do *shalom* estabelecido na criação e para a antecipação do *shalom* perfeito a ser consumado na nova criação.

Para essa finalidade, os capítulos 1—2 são dedicados a esboçar uma teologia bíblica do trabalho, com o foco na relação entre as tarefas diárias da humanidade e os atos salvíficos de Deus relatados nas Escrituras. Os capítulos 3—4 e

[1] Veja, por exemplo: Miroslav Volf, *Work in the Spirit: Toward a Theology of Work* (Eugene: Wipe and Stock, 1991); R. Paul Stevens, *The Other Six Days: Vocation, Work, and Ministry in Biblical Perspective* (Grand Rapids: Eerdmans, 1999); Amy L. Sherman, *Kingdom Calling: Vocational Stewardship for the Common Good* (Downers Grove: IVP, 2011); Andy Crouch, *Culture Making: Recovering Our Creative Calling* (Downers Grove: IVP, 2013); Timothy Keller e Katherine Leary Alsdorf, *Every Good Endeavor: Connecting Your Work to God's Work* (New York: Penguin, 2014).

os capítulos 5—6, por sua vez, mostram como as histórias do livro de Rute e de José, respectivamente, ilustram a visão bíblica do trabalho e elucidam como podemos perceber nossa participação nos propósitos de Deus para o cosmo. Já os capítulos 7—8 discorrem sobre a relação harmoniosa que deve existir entre trabalho e descanso a partir de uma perspectiva bíblico-redentiva, afinal de contas jamais haveria *shalom* se Deus não tivesse descansado no sétimo dia da criação, nem assegurado o descanso pleno no "oitavo" dia da nova criação. Na conclusão, desenho alguns aspectos essenciais a serem considerados sempre que tentamos discernir as maneiras de responder à visão bíblica do trabalho.